



Poços de Caldas

# 2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

EIXO TEMÁTICO: Educação e Diversidade

FORMA DE APRESENTAÇÃO: Resultado de pesquisa

## ALUNOS SURDOS USUÁRIOS DO IMPLANTE COCLEAR: VISÃO DOS PROFESSORES

Fabiana Cristina de Souza<sup>1</sup>

Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz<sup>2</sup>

### Resumo

O estudo teve o objetivo de investigar qual a visão dos professores sobre o desempenho escolar das crianças usuárias do implante coclear. Foram entrevistados três professores de alunos usuários do implante. A Análise de Conteúdo foi a teoria usada para interpretação dos dados coletados. Os resultados mostraram que os professores desconhecem a língua de sinais e mascaram as dificuldades escolares dos alunos. Mudar o olhar sobre essas questões é importante para a superação de preconceitos e para possibilitar um melhor desempenho escolar de crianças surdas usuárias do implante coclear.

**Palavras Chave:** Surdez, implante coclear e diversidade.

### INTRODUÇÃO

O tema da surdez envolve duas formas de compreensão: a concepção clínico-terapêutica e a concepção sócio-antropológica. A concepção clínico-terapêutica compreende a surdez como deficiência; a redução ou a ausência da audição é algo patológico que deve ser solucionado, curado. O surdo possui uma desvantagem em relação aos indivíduos que ouvem. Há a intenção de “normatizar” o sujeito surdo, ou seja, reabilitar o que lhe falta: a audição e a fala. Objetiva-se a fala por meio de dispositivos tecnológicos como próteses auditivas e implantes cocleares (SANTANA, 2007; SKLIAR, 1998, 2000).

A concepção sócio-antropológica compreende o surdo como diferente e a surdez é admitida como uma condição e não como patologia (SANTANA, 2007; SKLIAR, 1998, 2000). A surdez não necessita de cura, mas de aceitação por parte da sociedade majoritária (SÁNCHEZ, 1993). Skliar (2000, p. 141) afirma que “A comunidade surda se origina em uma atitude diferente frente ao déficit, já que não leva em consideração o grau da perda auditiva de seus membros”. Esta concepção compreende a surdez como experiência visual, desestabilizando ideias preconcebidas sobre a chamada normalidade.

Temos, desse modo, que a busca pelo implante coclear se enquadra na primeira concepção de surdez apresentada anteriormente. O implante coclear tem a função de proporcionar audibilidade aos indivíduos que não se beneficiam com o uso de próteses auditivas. Diferente da prótese auditiva, que requer a presença de células ciliadas externas para transferir o sinal para o nervo auditivo, o implante coclear assume a função dessas células, ativando o nervo auditivo diretamente, possibilitando que indivíduos surdos apresentem sensações auditivas anteriormente impossíveis (BEVILACQUA; COSTA FILHO; MORET, 2002).

<sup>1</sup>Docente na Faculdade Anhanguera; Matão/SP; [fabianacs.psico@gmail.com](mailto:fabianacs.psico@gmail.com)

<sup>2</sup>Docente na Faculdade de Ciências Médicas, UNICAMP; Campinas/SP; [zgesueli@fcm.unicamp.br](mailto:zgesueli@fcm.unicamp.br)



Poços de Caldas

# 2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

Podemos entender que o aparelho eletrônico possibilita o desenvolvimento da audição, esta por sua vez, enquanto canal sensorial é de fundamental importância para o desenvolvimento da fala. No entanto, é necessário cuidado, principalmente nos casos de pais ouvintes com filhos surdos, para que o processo de aquisição da fala não seja algo imposto ou cobrado de forma excessiva.

Destaca-se que a aprendizagem do ouvir e do falar é medida por meio de testes que analisam o número de vocábulos aprendidos, a estruturação frasal, a aquisição de conceitos “concretos” em detrimento de conceitos “abstratos”, a dificuldade de compreensão, as trocas articulatórias e a expressão vocal (SANTANA, 2007). Santana (2007) discute que este entendimento sobre a aprendizagem do ouvir e do falar é baseado em uma concepção formal de linguagem, dessa forma, põem em evidência as diferenças e assim, a fala do surdo sempre será deficitária.

Consideramos que a linguagem deve ser compreendida como uma prática de interação social. Mais do que transmitir informações entre emissor e receptor, a linguagem é lugar de interação humana, entendida como lugar de constituição de relações sociais, no qual os falantes tornam-se sujeitos. Tal entendimento se insere na linguística da enunciação (GERALDI, 1984). Com base nesta concepção da linguagem, a escrita também é tida como dialógica e constituída na interação social.

Vale destacar, neste contexto, o conceito de letramento, que envolve os usos e as práticas sociais de linguagem que de algum modo englobam a escrita, sendo que tais usos e práticas podem ser valorizadas ou não, locais ou globais e abranger diferentes contextos sociais (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.) (ROJO, 2009).

Para Soares (2009), temos que letramento “[...] envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais a práticas sociais e competências funcionais e, ainda, a valores ideológicos e metas políticas” (p.80-81).

Feito tais colocações, cabe pensar o processo de letramento de alunos surdos usuários do implante coclear: estará o dispositivo favorecendo a aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita? A proposta do trabalho não é a de aprofundar aspectos clínicos e terapêuticos que se relacionam ao tratamento dado ao surdo segundo o olhar clínico-terapêutico, mas, sim, suas implicações pedagógicas.

O objetivo do estudo foi conhecer a opinião dos professores sobre o desempenho escolar de crianças surdas usuárias do implante coclear inseridas na rede regular de ensino.

## METODOLOGIA

Participaram do estudo três professores de alunos surdos usuários do implante coclear. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes com o objetivo de conhecer a opinião deles sobre a língua de sinais e sobre os aspectos que envolvem a produção de leitura e escrita dos alunos. Para a análise dos dados utilizou-se a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por meio da análise de dados foi possível compreender que os professores detinham informações sobre a língua de sinais, contudo, não havia conhecimento de fato sobre a língua e as questões socioculturais relacionadas a ela. Também observou-se que os professores



Poços de Caldas

# 2º Congresso Nacional de Educação

www.educacaopocos.com.br 08 e 09 de Jun

reconhecem as dificuldades das crianças quanto ao desenvolvimento escolar, no entanto, tais dificuldades são compensadas por outras características, como esforço pessoal e autonomia, por exemplo. Por fim, os conteúdos das falas dos professores indicaram que a leitura envolve a decodificação de grafemas e fonemas e não a compreensão do texto. O professor, apesar de perceber que a criança não tem compreensão do texto, aceita como leitura. Esta discussão suscita ainda inúmeras pesquisas para que se possa atingir uma educação que atenda às necessidades de crianças surdas usuárias ou não do implante coclear.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a falta de conhecimento sobre a língua de sinais é propagada pelo posicionamento médico que defende que a única possibilidade de desenvolvimento dos surdos é atingir a fala, consequência do olhar sobre a surdez enquanto déficit. Isto leva os desconhecimentos como, por exemplo, a falta de conhecimento sobre as consequências sociais da surdez e sobre o papel da língua de sinais no desenvolvimento da criança.

O mascaramento das dificuldades do aluno surdo se deve à crença de que o dispositivo garantirá plenamente a aquisição da fala e da audição. Como se as dificuldades escolares venham a ser superadas quando as crianças alçarem a fala e audição plenas, o que nem sempre ocorre.

A compreensão da linguagem enquanto código e o processo de ler e escrever enquanto decodificação de grafemas e fonemas afeta o processo de letramento dos alunos usuários do implante, aceitando suas dificuldades como sendo inerentes à perda auditiva e dentro do esperado ou da normalidade.

Isso faz com que peculiaridades do desenvolvimento das crianças surdas que usam o implante coclear sejam ignoradas, pois essas crianças são olhadas enquanto ouvintes comuns e não enquanto sujeitos surdos, sendo assim submetidas a processos de ensino voltados a ouvintes – o que vem a ser prejudicial na medida em que tais processos podem ser bastante penosos.

Uma possibilidade para auxiliar o desenvolvimento dessas crianças seria o reconhecimento das peculiaridades linguísticas da população surda, a partir do uso da língua de sinais. Considerar as diversidades linguísticas, as populações minoritárias (no sentido político) e propor uma educação na perspectiva bilingue, por exemplo, faz-se necessário para que muitas das dificuldades escolares de crianças surdas sejam minimizadas. É preciso desfazer preconceitos e entendimentos equivocados e, assim, permitir o desenvolvimento pleno de sujeitos surdos.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEVILACQUA, M. C., COSTA FILHO, O. A.C., MORET, A. L. M. Implante coclear em crianças. In: *Tratado de otorrinolaringologia*. São Paulo: Roca; 2002.
- GERALDI, J. W. Concepções de Linguagem e Ensino de Português. In \_\_\_\_ (org) *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.
- ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SÁNCHEZ, C. Educação Especial: vida para surdos! *Revista Nova Escola*. Ano VIII. Número 69. SP. Fundação Victor Civita. Setembro, p. 32-36, 1993.



Poços de Caldas

# 2º Congresso Nacional de Educação

[www.educacaopocos.com.br](http://www.educacaopocos.com.br) 08 e 09 de Jun

SANTANA, A. P. *Surdez e Linguagem: Aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus, 2007.

SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre, RS: Mediação, 1998.

SKLIAR, C. (Org.) *Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Editora Mediação. (2000)

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.